



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO MÉDIO, TÉCNICO E EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

LINDALVA FREIRE

**O ENSINO DE GEOGRAFIA NO CONTEXTO DO SEMIÁRIDO: PERSPECTIVAS E
PRÁTICAS NO ÂMBITO DO DESENVOLVIMENTO REGIONAL**

**CAMPINA GRANDE-PB
2021**

LINDALVA FREIRE

O ENSINO DE GEOGRAFIA NO CONTEXTO DO SEMIÁRIDO: PERSPECTIVAS E PRÁTICAS NO ÂMBITO DO DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a/ao Coordenação /Departamento do Curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Geografia

Orientadora: Prof. Ma. Maria Marta dos Santos Buriti

**CAMPINA GRANDE-PB
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

F866e Freire, Lindalva.

O ensino de Geografia no contexto do semiáriodo [manuscrito] : perspectivas e práticas no âmbito do desenvolvimento regional / Lindalva Freire. - 2021.
37 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação EAD em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação a Distância, 2021.

"Orientação : Profa. Ma. Maria Marta dos Santos Buriti , UFPB - Universidade Federal da Paraíba ."

1. Educação. 2. Ensino de Geografia. 3. Semiáriodo. 4. Desenvolvimento regional. I. Título

21. ed. CDD 372.891

LINDALVA FREIRE

O ENSINO DE GEOGRAFIA NO CONTEXTO DO SEMIÁRIDO: PERSPECTIVAS E PRÁTICAS NO ÂMBITO DO DESENVOLVIMENTO REGIONAL

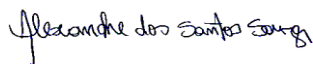
Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a/ao Coordenação /Departamento do Curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Aprovada em: 29/07/2021.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Ma. Maria Marta dos Santos Buriti (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Alexandre dos Santos Souza
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



José Lindemberg Bernardo da Silva
(UERN; UniFIC)

A minha filha, Jade, parceira de todas as horas e a, minha mãe adotiva, Noêmia, âncora em todos os meus momentos, DEDICO.

A geografia tem suas raízes na busca e no entendimento da diferenciação de lugares, regiões, países e continentes, resultante das relações entre os homens e entre estes' e a natureza.

Roberto Lobato

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	9
2.1 Território e lugar na abordagem geográfica.....	9
2.2 O semiárido nordestino: complexidades e convivência.....	11
2.3 A educação contextualizada: a importância do ensino de geografia para a compreensão do semiárido.....	15
3 METODOLOGIA.....	19
3.1 Caracterização geográfica do espaço da pesquisa.....	21
3.1.1 Catolé quero-te tanto.....	22
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	25
4.1 Perspectivas e práticas construídas através do ensino de Geografia no Centro de Ensino Fundamental Luzia Maia.....	25
4.2 Um novo olhar para o semiárido.....	27
4.3 A volta dos que foram: as migrações de retorno para Catolé do Rocha-PB.....	28
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
REFERÊNCIAS.....	31

O ENSINO DE GEOGRAFIA NO CONTEXTO DO SEMIÁRIDO: PERSPECTIVAS E PRÁTICAS NO ÂMBITO DO DESENVOLVIMENTO REGIONAL

TEACHING GEOGRAPHY IN THE CONTEXT OF THE SEMIARID: PERSPECTIVES AND PRACTICES IN THE CONTEXT OF REGIONAL DEVELOPMENT

Lindalva Freire¹
Maria Marta dos Santos Buriti²

RESUMO

O semiárido nordestino, a grosso entendimento, é posto sob o imperativo de um estereótipo pré-concebido que projeta a visão de um território flagelado pela seca caricata, dependente eternamente de políticas públicas e que encontra-se tensionado entre velhos problemas historicamente irresolutos e novas possibilidades de desenvolvimento. Diante disso, entendemos que a Geografia, ao possibilitar a apreensão teórico-prática de uma realidade que se movimenta constantemente e exige novas explicações e compreensões, é importante não só para a construção do conhecimento acerca desse território e de suas dinâmicas, mas também para a estruturação de ações destinadas a sua transformação mediante a formação geográfica dos sujeitos do lugar. Partindo desta linha de pensamento, o objetivo que norteou a realização deste trabalho consistiu em compreender o papel do ensino de Geografia na construção de perspectivas e práticas que corroboram para o desenvolvimento regional no semiárido. Para isto, tomamos como referência empírica a realidade vivenciada no Centro de Ensino Fundamental Luzia Maia, que se localiza no município de Catolé do Rocha, no estado da Paraíba. O percurso metodológico embasou-se na abordagem fenomenológica de base exploratória, através da qual adotamos como procedimentos metodológicos pesquisa bibliográfica, pesquisa-ação e pesquisa de campo. Pelo o que pôde ser apreendido na pesquisa, observou-se que os professores de Geografia do Centro de Ensino Fundamental Luzia, levam a ciência geográfica como relevante para o entendimento dos conceitos e da formação da identidade na perspectiva de fomentar um novo olhar para o semiárido. O conhecimento aplicado dentro da região e voltado para as potencialidades deste lugar estão desmistificando as concepções paradigmáticas acerca do Nordeste e do semiárido nordestino.

Palavras-chave: Educação. Ensino de Geografia. Semiárido. Desenvolvimento Regional.

¹Licencianda em Geografia pela Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: lindalva.freire@hotmail.com

² Professora no Departamento de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba. Mestre e Doutoranda em Geografia pela Universidade Federal da Paraíba. E-mail: martaburiti@geo@gmail.com

ABSTRACT

The northeastern semi-arid, broadly understood, is placed under the imperative of a preconceived stereotype that projects the vision of a territory plagued by drought, eternally dependent on public policies and which finds itself tensioned between old historically unresolved problems and new possibilities of development. Therefore, we understand that Geography, by enabling the theoretical-practical apprehension of a reality that constantly moves and requires new explanations and understandings, is important not only for the construction of knowledge about this territory and its dynamics, but also for the structuring of actions for its transformation through the geographical formation of the subjects of the place. Based on this line of thought, the objective that guided this work was to understand the role of teaching Geography in the construction of perspectives and practices that support regional development in the semiarid region. For this, we take as empirical reference the reality experienced at the Luzia Maia Elementary School, which is located in the municipality of Catolé do Rocha, in the state of Paraíba. The methodological approach was based on the exploratory phenomenological approach, through which we adopted bibliographical research and action research as methodological procedures. From what could be apprehended in the research, it was observed that Geography teachers at the Luzia Elementary School Center consider geographic science as relevant to the understanding of concepts and the formation of identity in the perspective of fostering a new look at the semiarid region. . The knowledge applied within the region and focused on the potential of this place is demystifying the paradigmatic conceptions about the Northeast and the semi-arid Northeast.

Keywords: Education. Geography teaching. Semi-arid. Regional development.

1 INTRODUÇÃO

O Nordeste brasileiro na imagética popular ainda é visto sob a égide do atraso e das mazelas sociais que por diversas vezes foram o conteúdo de destaque da região no cenário nacional, seja ele no âmbito literário, jornalístico, dramaturgo ou mesmo da pesquisa científica.

Neste contexto, o semiárido nordestino, tido a grosso entendimento como estereotipo central deste Nordeste flagelado pela seca caricata e dependente eternamente de políticas públicas, na prática, tem se mostrado um recorte espacial emblemático, tensionado entre os velhos problemas historicamente irresolutos e as novas possibilidades que emanam dos novos usos que passaram a configurar este território. Historicamente o semiárido constituiu-se como um espaço de saída de migrantes. Em busca de trabalho, de formação escolar e/ou acadêmica ou simplesmente de lugares menos adversos para se viver, as pessoas deixavam o semiárido e dificilmente retornavam. Todavia, é interessante perceber que a dinâmica demográfica do semiárido está mudando, bem como seus aspectos produtivos, econômicos e sociais, e isso se deve em grande parte as novas possibilidades de vivência e convivência com este território que, assim como nega, oferece condições para a reprodução social e econômica do povo que lá habita.

Diante deste quadro, se faz necessário compreender o semiárido em toda sua complexidade, isto é, sob o imperativo de desafios e possibilidades, e a Geografia, enquanto área do conhecimento voltada a problematização da produção, organização e transformação do espaço geográfico mediante a ação dos diversos atores/processos ao longo do tempo, tem um papel importante nessa tarefa. O conhecimento geográfico, estruturado sobre a relação espaço-tempo, possibilita a análise das interações entre a sociedade e a natureza mediante diversos aspectos. Neste sentido, pensar o semiárido sob o ponto de vista geográfico envolve, entre outras questões, pensar a espacialização da articulação de fatores físico-naturais e socioeconômicos em um território institucionalizado e em um espaço de vivência particularizado pela produção do lugar.

A Geografia contextualizada no semiárido é, ao nosso ver, a apreensão teórico-prática de uma realidade que se movimenta e exige novas explicações e compreensões, sendo a escola o *locus* imediato para a construção e reconstrução de tais aprendizagens. Partindo deste entendimento, o objetivo que norteou esta

discussão consistiu em compreender o papel do ensino de Geografia na construção de perspectivas e práticas que corroboram para o desenvolvimento regional no semiárido. Para isto, tomamos como referência empírica a realidade vivenciada no Centro de Ensino Fundamental Luzia Maia, que se localiza no município de Catolé do Rocha, no estado da Paraíba.

Acreditamos que se trata de uma abordagem relevante, uma vez que a ciência geográfica traz em seu interior a capacidade de elucidar questões espaciais, sociais, naturais, econômicas, políticas e culturais, pontos pertinentes para o entendimento dos fatores que culminaram com o desenvolvimento do semiárido e, dentro desse semiárido, do município de Catolé do Rocha-PB.

No que diz respeito a metodologia, partimos da perspectiva fenomenológica para compreender o objeto mediante sua relação com os sujeitos construtores do espaço vivido. No âmbito da abordagem qualitativa, elegemos a pesquisa exploratória como instrumento de imersão na realidade pesquisada. Os procedimentos metodológicos que nos auxiliam na construção metodológica do trabalho envolvem pesquisa bibliográfica, a pesquisa-ação pontuada nas experiências de quem ensina a Geografia no Centro de Ensino Fundamental Luzia Maia, no município de Catolé do Rocha, e a pesquisa de campo.

Com relação aos resultados alcançados, pode-se inferir que o perfil do semiárido está sendo redesenhado na história nacional e contribuiu para isto, entre outros fatores, o conhecimento geográfico construído a partir de uma prática educativa na escola que fomenta nos educandos, desde cedo, o senso de pertencimento ao lugar neste território. Neste contexto, pelo que foi apreendido no curso da pesquisa, percebe-se que a forma como é conduzida a compreensão geográfica do semiárido é fundamental para o estabelecimento de dinâmicas favoráveis o desenvolvimento do lugar.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Território e lugar na abordagem geográfica

A Geografia engloba o estudo das relações sociedade-natureza e suas dimensões no espaço geográfico, sendo os processos histórico-geográficos fatores propulsores da produção, transformação e reorganização da espacialidade social e de sua interação com os elementos físico-naturais. Para isto, a Geografia estabelece

enfoques, os quais se tornaram conhecidos como as categorias de análise da Geografia, são eles: espaço, território, lugar, região e paisagem.

Desta maneira, quando nos propomos a estudar as potencialidades de um território, partimos da concepção de que a Geografia, enquanto instrumento de entendimento dos múltiplos processos, é capaz de nos oportunizar um olhar sobre as relações de poder edificadas pela ação de sujeitos, instituições ou grupos que ocupam uma determinada parte do espaço e nela constroem suas estruturas, ações e relações.

Para Oliveira (2003, p. 142):

Cabe à Geografia levar a compreender o espaço produzido pela sociedade em que vivemos hoje, suas desigualdades e contradições, as relações de produção que nela se desenvolvem e a apropriação que essa sociedade faz da natureza.

O espaço apropriado pelas relações de poder também é *lócus* de vivências cotidianas em que se estabelecem identidades socioculturais, as quais são percebidas no contexto espacial do lugar. O lugar é o recorte espacial que tem significado pra os sujeitos, pois nele são estabelecidas as relações de pertencimento construídas mediante o movimento da sociedade no espaço.

Estar e viver no mundo pressupõe o entendimento do território como dimensões diferentes, mas imbricadas do espaço geográfico. Na leitura de Santos (1999, p.1):

O Território é o lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações da sua existência. A Geografia passa a ser aquela disciplina mais capaz de mostrar os dramas do mundo, da nação, do lugar.

De tal maneira, o território e o lugar são esferas que se complementam na abordagem geográfica, uma vez que suscitam a possibilidade de compreender múltiplas dimensões dos processos geográficos no espaço.

No que se refere ao território, como pontua Haesbaert (2004, p. 1), este possui:

[...] uma dupla conotação, material e simbólica, pois etimologicamente aparece tão próximo de terra-territorium quanto de terreo-terror (terror, aterrorizar), ou seja, tem a ver com dominação

(jurídico-política) da terra e com a inspiração do terror, do medo – especialmente para aqueles que, com esta dominação, ficam aliados da terra, ou no “territorium” são impedidos de entrar. Ao mesmo tempo, por extensão, podemos dizer que, para aqueles que têm o privilégio de usufruí-lo, o território inspira a identificação (positiva) e a efetiva “apropriação”.

A apropriação é mais que a posse, é entender as potencialidades do território para desenvolvê-lo. Assim, a apropriação do território emana o fazer-se presente, ter senso de pertencimento e, neste limiar, valorizar o lugar do qual faz parte, que “[...] repousa sobre a ideia de um sujeito ativo que deve, sem cessar, tecer ligações complexas que lhe dão sua identidade, ao mesmo tempo em que definem suas relações com seu ambiente” (MARANDOLA JÚNIOR; HOLZER; OLIVEIRA, 2014, p. 110), ou ainda “[...] Não se refere a objetos e atributos das localizações, mas a tipos de experiências e envolvimento com o mundo, a necessidade de raízes e segurança” (RELPH, 1979, p. 156).

Neste sentido, o lugar emerge como a esfera espacial da segurança sentida e vivida dentro no recorte do espaço do qual se faz parte, uma vez que:

O lugar é a base da reprodução da vida e pode ser analisado pela tríade habitante - identidade - lugar. A cidade, por exemplo, produz-se e revela-se no plano da vida e do indivíduo. Este plano é aquele do local. As relações que os indivíduos mantêm com os espaços habitados se exprimem todos os dias nos modos do uso, nas condições mais banais, no secundário, no acidental. É o espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo (CARLOS, 2007, p.11).

Sob este prisma, entender o território e o lugar centrado na tessitura espacial do semiárido torna-se relevante para o entendimento das multiplicidades de fatores que fazem com que este território amplamente difundido na literatura como “problema” ganhe um novo enfoque pautado em ações de desenvolvimento territorial e na convivência com as volubilidades físico-naturais e socioeconômicas que marcam este semiárido.

2.2 O semiárido nordestino: complexidades e convivência

A região Nordeste é uma das macrorregiões do Brasil estabelecidas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o IBGE. Conforme pode ser observado na figura abaixo, é formada por nove estados.

Mapa 1. Região Nordeste



Fonte: IBGE, 2018.

A região Nordeste possui uma grande diversidade em seus aspectos sociais, econômicos, culturais e físico-naturais, contudo por diversas vezes acaba submetida a um estereótipo “de região problema”, isto é, cenário de contradições irresolutas retratadas e exploradas de diversas formas. Como pontuado por Malvezzi (2007, p. 11):

As imagens de migrantes, de crianças raquíticas, do solo estorricado, dos açudes secos, dos retirantes nas estradas, de animais mortos, de migração da Asa Branca – essas imagens estão presentes na música de Luís Gonzaga, na pintura de Portinari, na literatura de Graciliano Ramos e na poesia de João Cabral de Melo Neto. É um ponto de vista, ao mesmo tempo real e ideológico, que muitas vezes serve para que se atribua à natureza problemas políticos, sociais e culturais, historicamente construídos.

Tida como face principal deste Nordeste seco e flagelado, o semiárido foi durante muito tempo um território visto como arcaico, com problemas sociais, econômicos, políticos, educacionais e físicos considerados insolúveis por governantes que só enxergavam essa região em épocas específicas; usando os mesmos discursos que Foucault (2002, p. 3) pontua como algo que “não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação; mas é aquilo

pelo qual e com o qual se luta, é o próprio poder de que procuramos assenhorear-nos”.

O semiárido foi tema vasto da literatura que viu, nos aspectos climáticos e nas muitas nuances que a seca traça na paisagem tema para a inspiração de muitas histórias como “Vidas Secas” de Graciliano Ramos, que em um dos trechos escreve:

Olhou a catinga amarela, que o poente avermelhava. Se a seca chegasse, não ficaria planta verde. Arrepiou-se. Chegaria, naturalmente. Sempre tinha sido assim, desde que ele se entendera. E antes de se entender, antes de nascer, sucedera o mesmo - anos bons misturados com anos ruins. A desgraça estava em caminho, talvez andasse perto. Nem valia a pena trabalhar (RAMOS, 1938, p.59).

Essa desesperança, por tantas vezes retratada na literatura, é também um sentimento de muitos habitantes desse semiárido, porque, como pontua Araújo (1997, p. 8), apesar do dinamismo econômico vivenciado pelo Nordeste nas últimas décadas “a pobreza, porém, continua a ser uma das características mais marcantes do Nordeste [...]. é um traço antigo que o dinamismo econômico das últimas décadas não conseguiu alterar significativamente”.

Assim sendo, o semiárido vai ter suas adversidades fortalecidas por aspectos climáticos, a exemplo da estiagem prolongada, e por práticas políticas que muitas vezes se utilizam de discursos que retratam um território empobrecido e, portanto, propositivo a captação de recursos financeiros vias políticas públicas que nem sempre vão contemplar as verdadeiras demandas do povo residente no semiárido.

O fato é que, embora os aspectos físico-naturais e as conjunturas sociais, políticas e econômicas historicamente venham traçado um perfil geral para o semiárido, não podemos nos ater a generalizações, visto que:

[...] esta é uma região tão complexa, tão rica e ao mesmo tempo tão pobre... pode parecer difícil falar em “Nordeste”, sendo preferível referirmos a “Nordestes” como sugerem Zaidan Filho (2001) e Araújo (2002) – tanto quanto tal como “Sertões” de Euclides da Cunha. Mas mesmo na diversidade existe um começo, um ponto de partida [...] (ROCHA, et al, 2011, p. 13).

O ponto de partida, em nosso ver, é a educação. É ela que faz a diferença, transforma, restaura, constrói e reconstrói paradigmas. É na educação e pela educação que a visão do Nordeste triste, arcaico, seco e sem esperança pode

paulatinamente ir sendo redesenhada na imagética do povo brasileiro e, sobretudo, do próprio povo deste território semiárido.

Albuquerque Jr. (2007, p.92) acrescenta que este território se faz de:

Um Nordeste não mais assentado na tradição e na continuação, mas sim na revolução e na ruptura. Um espaço em busca de uma nova identidade cultural e política, cuja essência só uma “estética revolucionária” seria capaz de expressar. Nordeste, território de um futuro a ser criado não apenas pelas artes da política, mas também pela política das artes.

A maior das artes é a educação. É ela que subjaz no cerne de todas as revoluções, na mudança paradigmática, nas transformações sociais, culminando com a mudança subjetiva; ao desenvolver as capacidades cognitivas dos indivíduos deste território que já enxergam o Nordeste das potencialidades e um semiárido pleno de riquezas naturais e culturais. Conforme apontado por Albuquerque Jr. (2007, p.93), a educação permite a construção de um “intenso sentimento de mudança e da necessidade de antecipar a elas, tentando dirigi-las num determinado sentido.”

Esse é o semiárido ativo dentro de um Brasil vivo que Araújo (2000, p.7), acrescenta “está cheio de experiências locais mostrando como se organiza, como se planta, como se comercializa, como se governa.” Inferindo neste contexto a educação e a ação consciente de educadores comprometidos com a aprendizagem dos educandos deste território, que tudo fazem para transformar a realidade de muitos.

João Cabral de Melo Neto em Educação pela Pedra (1966, p. 12) nos dá a dimensão exata da capacidade do que é fazer educação nas raízes das auguras de uma realidade distinta quando afirma:

Uma educação pela pedra: por lições; para aprender da pedra, frequentá-la; captar sua voz inefática, impessoal (pela de dicção ela começa as aulas). A lição de moral, sua resistência fria ao que flui e a fluir, a ser maleada; a de poética, sua carnadura concreta; a de economia, seu adensar-se compacta: lições da pedra (de fora para dentro, cartilha muda), para quem soletrá-la.

Esse soletrar se faz presente no comprometimento dos educadores com a educação dentro deste território. São eles que elencam ações que desmistificam antigos conceitos, haja vista que:

El educador es visto como un agente del proceso educativo, cuya función central es ser un guía pedagógico, un coordinador. Su tarea principal consiste en promover los aprendizajes para el desarrollo personal, la formación ciudadana y la integración social de cada uno de sus alumnos ³(OLLIVIER, 2008, p. 76).

Acrescentando ao exposto pode-se afirmar que a integração do ser humano ao seu território perpassa pela convivência, por isso, ela “precisa começar dentro das escolas, modificando-se o processo educacional, o currículo escolar, a metodologia e o próprio material didático” (MALVEZZI, 2007, p. 132). É o porvir dos novos rumos para o nordeste e os nordestinos deste semiárido, para “tornar mais inteligível entrelaçamento da racionalidade e da realidade social” (ADORNO; HORKHEIMER, 1947, p. 5) transformada a partir de práticas educativas condizentes com o meio, ou ainda como afirma Braga (2003, p.25):

[...] um grande e rico potencial educativo que precisa ser conhecido, considerado e valorizado pelo Estado e pela sociedade, porque são portadoras de novos sentidos e significados, de mudanças que apontam para uma nova relação com o meio ambiente e um novo modelo de desenvolvimento, sustentando na solidariedade, na compaixão e no cuidado com as pessoas e com a natureza.

Notadamente uma realidade só pode ser transformada mediante a ação consciente daqueles que a conhecem e que nela vivem. Desse modo, o ensino da ciência geográfica pautado nos elementos perceptíveis e imperceptíveis deste território representa concretamente a base das mudanças estruturais no semiárido nordestino.

2.3 A educação contextualizada: a importância do ensino de Geografia para a compreensão do semiárido

A educação enquanto fator de mudança individual e social e pela complexidade que a permeia exige compromisso e ações efetivas a fim de proporcionar ao indivíduo o conhecimento necessário para que este possa se posicionar como cidadão crítico e consciente, pois um indivíduo consciente não se deixa manipular pelas ideologias dominantes.

³ O educador é visto como um agente do processo educativo, cuja função central é ser um guia pedagógico, um coordenador. Sua tarefa principal consiste em promover as aprendizagens para o desenvolvimento, à formação cidadã e a integração social de cada um de seus alunos.

A transformação que se pretende em sociedade passa pela educação que deve ser pautada articulação entre família, escola e Estado. Moran (2011, p. 14) afirma que:

A educação é um processo de toda a sociedade - não só da escola - que afeta a todas as pessoas, o tempo todo, em qualquer situação pessoal, social, profissional e através de todas as formas possíveis. Toda a sociedade educa quando transmite idéias, valores, conhecimento e quando busca novas ideias, valores, conhecimentos. Família, escola, meios de comunicação, amigos, igrejas, empresas, Internet, todos educam e, ao mesmo tempo, são educados, isto é, aprendem, sofrem influências, se adaptam a novas situações. Aprendemos em todas as organizações, grupos e pessoas aos quais nos vinculamos.

Deste modo, a educação acontece ao longo de toda a vida porque o ser humano tem a capacidade intrínseca de aprender, criar e inovar os paradigmas vigentes, já que a educação modifica-se na medida em que os sujeitos evoluem e internalizam os conhecimentos adquiridos.

O fato é que a educação torna-se relevante para este semiárido porque através dela os fatos sociais vão acontecendo numa dinâmica que produz mudanças essenciais sem as quais não haveria as transformações necessárias para a evolução e progresso humano. Do nascimento a maturidade, o ser humano educa-se e ao educar-se ele adquire conhecimento, aprende, desenvolve-se se tornando emancipado na medida em que se permite a abertura necessária para que a aprendizagem aconteça.

Para Libâneo (1999, p. 56):

[...] educamos e somos educados. Ao compartilharmos, no dia-a-dia do ensinar e do aprender, ideias, percepções, sentimentos, gestos, atitudes e modos de ação, sempre ressignificados e reelaborados em cada um, vamos internalizando conhecimentos, habilidades, experiências, valores, rumo a um agir crítico-reflexivo, autônomo, criativo e eficaz, solidário. Tudo em nome do direito à vida e à dignidade de todo o ser humano, do reconhecimento das subjetividades, das identidades culturais, da riqueza de uma vida em comum, da justiça e da igualdade social.

Desde o momento em que se percebeu como ser dotado de razão o homem utilizou-se da educação, pois esta é a mola propulsora para a resolução das inquietações inerentes ao ser humano, fato que o leva a ir cada vez mais longe, no afã de superar-se a si mesmo, descobrindo, lapidando e inovando em práticas

educativas que fizeram despertar as consciências para lutarem pelas transformações necessárias para que as sociedades evoluíssem ao longo do tempo, modificando as estruturas, a vida das pessoas e, conseqüentemente ampliando as possibilidades de aprendizagem dos indivíduos.

Saviani (1991, p.55) afirma que:

O estudo das raízes históricas da educação contemporânea nos mostra a estreita relação entre a mesma e a consciência que o homem tem de si mesmo, consciência esta que se modifica de época para época, de lugar para lugar, de acordo com um modelo ideal de homem e de sociedade.

A sociedade ideal perpassa pela educação. A educação, apesar de sozinha não modificar o mundo, aprimora as concepções e, estas são responsáveis pelas revoluções que nortearam as ações fundamentais para a transformação dos paradigmas educacionais. Desta forma, em cada período da história percebe-se a relevância da educação como *práxis* das transformações sociais, culturais, políticas e econômicas acontecidas no cerne da sociedade.

Teixeira (2010 p.103) afirma que “a educação se faz, assim, necessidade perfeitamente relativa, sem nenhum caráter de bem absoluto, sendo boa quando eficiente adequada e devidamente distribuída”. Distribuída não apenas entre os privilegiados, mas estendida a todos os brasileiros.

Os novos paradigmas educacionais privilegiam a contextualização do ensino e do currículo porque, como explicita Menezes e Araújo (2007, p. 36):

O currículo contextualizado exige, portanto, a “inclusão de narrativas transgressoras, gestadas a partir da experiência” dos milhões de excluídos. Exige também a inclusão de questões locais, regionais e de contexto que, historicamente, não merecem atenção nem destaque dentro do ensino.

Na concepção de Luckesi (1994, p.56-57):

[...] as matérias de estudo visam preparar o aluno para a vida, são determinadas pela sociedade e ordenadas na legislação. Os conteúdos são separados da experiência do aluno e das realidades sociais, valendo pelo valor intelectual.

É possível perceber que a partir da Constituição de 1988, houve avanços no tocante a valorização do ensino, mas na prática não atendeu as especificidades de um país plural como o Brasil, haja vista que pensar e analisar a realidade torna-se

vital para a convivência com o semiárido, cuja ideia para Malvezzi (2007, p.11) está relacionada ao “desenvolvimento de culturas de convivência adequadas ao ambiente, adaptem-se a ele e tornarem viável a vida”.

A Geografia possui relevante papel para esse perfil de análise, diferenciação e entendimento de ser e pertencer a um determinado local, uma vez que:

Em suas atividades diárias, alunos e professores constroem geografia, pois ao circularem, brincarem, trabalharem pela cidade, pelos bairros, constroem lugares, produzem espaço, delimitam seus territórios: vão formando, assim, espacialidades cotidianas em seu mundo vivido e vão contribuindo para a produção de espaços geográficos mais amplos. Ao construírem geografia, eles também constroem conhecimentos sobre o que produzem que são conhecimentos geográficos. Então, ao lidar com as coisas, fatos, processos na prática social cotidiana, os indivíduos vão construindo e reconstruindo uma geografia e um conhecimento dessa geografia. (CAVALCANTI, 2002, p. 33).

Neste viés o ensino da Geografia, na medida em que aborda o espaço em sua amplitude, aborda também o espaço de vivência dos educandos. As políticas sociais e econômicas paulatinamente deram visibilidade à necessidade da convivência com este território, ampliando ações que culminaram com o conhecimento sobre os usos dos recursos deste território.

Sob este prisma, a ciência geográfica, dada a sua relevância traz em seu interior o entendimento dos aspectos físicos, sociais, humanos e econômicos; corroborando para desfazer na imagética dos sujeitos o referencial de atraso, da escassez e dos problemas insolúveis, que na visão de Lima (2008, p. 21), “[...] não são decorrentes, somente, das questões climáticas e ambientais, porém, dos processos sociais e políticos vivenciados historicamente”.

Partindo desse pressuposto o ensino de geografia na visão de Almeida (1999, p. 83) tem papel relevante porque ensiná-la “é munir os alunos de conhecimentos que lhes permitam agir de modo mais lúcido ao tratar das questões do espaço em diferentes níveis”.

Ampliando o exposto, a Base Nacional Comum Curricular pontua que:

O raciocínio geográfico, uma maneira de exercitar o pensamento espacial, aplica determinados princípios para compreender aspectos fundamentais da realidade: a localização e a distribuição dos fatos e fenômenos na superfície terrestre, o ordenamento territorial, as conexões existentes entre componentes físico-naturais e as ações antrópicas (BRASIL, 2018, p.2).

O professor de geografia tem importância capital neste processo de entender o território. É o planejamento pensado e pautado em atividades metodológicas envolventes que farão o educando adentrar no conhecimento do seu espaço e das relações que nele se desenvolvem.

Lima (2008, p. 98) referenda o exposto e cita que:

[...] construir uma proposta de educação contextualizada no Semiárido exige que os professores procurem reaprender a aprender para poder ajudar o seu aluno/a tornar-se um aluno-pesquisador de sua realidade. O aluno/a aprende refletindo sobre sua ação e interagindo no meio social, já o professor, amplia seu olhar sobre o mundo no momento em que se desafia a pensar sobre sua prática no processo de reflexão-ação.

Assim sendo, o ensino voltado para a formação da identidade, do entendimento das construções históricas e dos recursos do meio são instrumentos dos quais podem se valer a geografia a fim de se (re)pensar e ressignificar o território e suas múltiplas possibilidades de desenvolvimento.

3 METODOLOGIA

Compreender o semiárido na perspectiva do sujeito envolve a reflexão acerca das relações no espaço de vivência, o que nos fez tomar como ponto de partida a perspectiva fenomenológica. A fenomenologia evidencia o estudo entre o sujeito e o objeto. Sokolowski (2004, p. 17) acrescenta que a mesma:

[...] é o ensinamento de que cada ato de consciência que nós realizamos, cada experiência que nós temos, é intencional: é essencialmente “consciência de” ou uma “experiência de” algo ou de outrem. Toda nossa consciência está direcionada a objetos. [...] Cada ato de consciência, cada experiência é correlata com um objeto. Cada intenção tem seu objeto intencionado.

Esta pesquisa para Gil (2010, p. 39) “constitui muito mais uma postura, um modo de compreender o mundo, do que como uma teoria, um modo de explicá-lo”.

Oliveira (2008, p.168) acrescenta ainda que a fenomenologia:

Pode ser caracterizada como sendo um estudo detalhado de um determinado fato, objeto, grupo de pessoas ou atos social e fenômenos da realidade. Esse procedimento visa buscar informações fidedignas para se explicar em profundidade o significado e as características de cada contexto em que se encontra o objeto de

pesquisa. Os dados podem ser obtidos através de uma pesquisa bibliográfica, entrevista, questionários, planilhas e todo instrumento (técnica) que se faz necessário para obtenção de informações.

Assim sendo, com relação à classificação da pesquisa é conveniente enquadrá-la como qualitativa que “[...] envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes”. (BOGDAN; BIKLEN Apud LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p.13).

Nas palavras de Oliveira (2011) “o método qualitativo é utilizado para descrever, relatar, compreender e classificar minuciosamente o que os autores ou especialistas escrevem sobre determinado assunto. Contudo, estabelece uma série de correlações para finalizar dando um ponto de vista conclusivo”, ou norteia pontos para outras pesquisas, uma vez que as pesquisas de cunho social serão sempre passíveis de novas investigações. No âmbito da pesquisa qualitativa, adotamos, pela natureza dos objetivos, o enfoque exploratório.

Acerca da pesquisa exploratória é importante mensurar que é aquela cujo:

[...] objetivo é a formulação de questões ou de um problema, com tripla finalidade: desenvolver hipóteses, aumentar a familiaridade do pesquisador com um ambiente, fato ou fenômeno para realização de um pesquisa futura mais precisa ou modificar e clarificar conceitos. (LAKATOS; MARCONI, 2007, p.189).

Em relação aos procedimentos metodológicos, fizemos uso da pesquisa bibliográfica, da pesquisa-ação e da pesquisa de campo. Para Gil a fundamentação bibliográfica (2002 pg. 44) [...] “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Em se tratando da pesquisa-ação, esta é compreendida como uma prática investigativa desenvolvida em ambientes pedagógicos que visam o diagnóstico e a intervenção nas situações experienciadas (TRIPP, 2005). A pesquisa-ação foi desenvolvida no âmbito da atividade docente desenvolvida na escola campo das ações que embasam as reflexões aqui apresentadas, isto é, o Centro de Ensino Fundamental Luzia Maia.

Por meio da pesquisa de campo buscamos compreender as migrações de retorno para Catolé do Rocha-PB. Para tanto, foi aplicado um questionário com sujeitos que vivenciaram esse processo de retornar ao município depois de anos vivendo em outros lugares.

3.1 Caracterização geográfica do espaço da pesquisa

Segundo o IBGE, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2018), a Região Nordeste tem cerca de 56,7 milhões de habitantes, distribuídos ao longo de 1,6 milhão de km². Diferenciada das demais regiões por aspectos singulares de elementos morfoclimáticos, físicos, políticos, sociais e econômicos, a supracitada região desde a sua criação no início do século XX, segundo Albuquerque Júnior (2017) foi alvo dos discursos e dos problemas aparentemente insolúveis desmentidos por dados estatísticos contundentes acerca das potencialidades locais.

Em 2018, segundo o IBGE, dos 15 estados que tiveram PIB- Produto Interno Bruto- acima da média nacional, oito Estados foram da Região Nordeste. Saliente-se ainda que no quesito educação o Nordeste também é referência, segundo Carvalho (2016, p.10):

No âmbito da educação, a região também avançou. A população estudantil no Nordeste apresentou, entre os anos 2000 e 2010, uma pequena taxa de crescimento. O número de alunos matriculados nos níveis infantil, médio e ensino de jovens e adultos (EJA) aumentou em pouco mais de dois milhões de estudantes, o que compensou a perda de dois milhões de alunos no ensino fundamental.

Existe uma dualidade entre o posto na literatura e os dados estatísticos que dificultam a compreensão desta região por quem não a conhece. A literatura por ser mais ampla abrange um maior número de pessoas. Destarte que quando se coloca a região Nordeste, a visualização que se tem é de todo um território, desconsiderando as especificidades que também se fazem presentes nessa região, a exemplo daquelas pertencentes ao semiárido.

Mapa 2- Semiárido Nordeste



Fonte: http://www.sudene.gov.br/conteudo/download/Nova_Delim_Reg_Semi_Arida.pdf. (LINS, 2008).

O status de semiárido correlaciona-se ao clima e aos revezes que esse fator climático traz como características, entre elas a seca que assola este território aonde Carlos (2007, p.14) pontua que

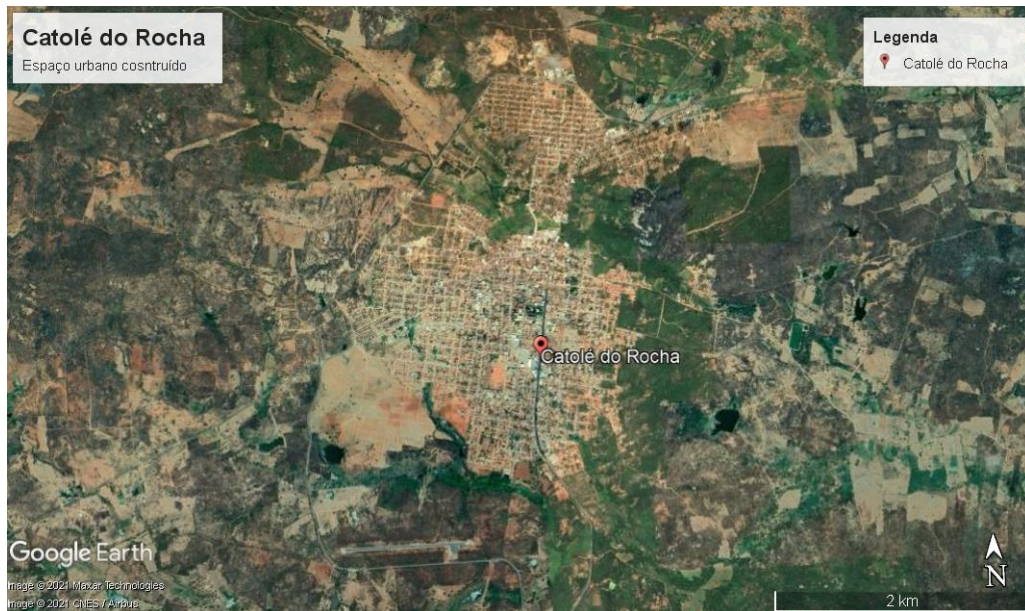
“[...] cada sujeito se situa num espaço, o lugar permite pensar o viver, o habitar, o trabalho, o lazer enquanto situações vividas, revelando, no nível do cotidiano, os conflitos do mundo moderno”, que neste semiárido estão sendo resolvidos pautando-se no conhecimento da região, reconhecendo que “as relações sociais que se realizam no plano do vivido o que garante a constituição de uma rede de significados e sentidos [...] que produz a identidade homem” (IBIDEM).

3.1.1 Catolé, quero-te tanto

Catolé do Rocha-PB, recorte espacial escolhido dentro do semiárido para a realização da pesquisa empírica é um dos municípios deste semiárido, distante aproximadamente 400 quilômetros da capital João Pessoa. O município tem uma população estimada em 32 mil habitantes, segundo o IBGE (2010), com um

desenvolvimento urbano notório, principalmente pelo número elevado de bairros, muitos formados a partir de loteamentos, conforme mostra a imagem abaixo.

Imagem 1: Vista aérea de Catolé do Rocha-PB.



Fonte: Google (EARTH, 2021).

Católé do Rocha-PB, cujo nome tem a origem do nome ligado ao Coronel Francisco da Rocha Oliveira e a palmeira nativa dessa parte do sertão, a palmeira catolé (MELO apud CARDOSO, 2019), sendo um dos municípios que polarizam uma das microrregiões do sertão paraibano.

O desenvolvimento urbano do referido município torna-se visível tanto pela densidade demográfica crescente, como pelas edificações da malha urbana; sejam habitações, casas comerciais e escolas, como o Instituto Federal da Paraíba (IFPB), cuja construção tanto levou visibilidade a um dos bairros estigmatizados na cidade, como se tornou polo de estudantes de outras cidades, inclusive do vizinho estado de Rio Grande do Norte. Além do IFPB, vale destacar o relevante trabalho realizado pelo Campus IV da UEPB e das escolas municipais e estaduais localizadas no município.

O interessante é que os mesmos jovens que se graduam em outras sub-regiões do nordeste ou em outros estados, quase sempre retornam para os municípios de onde são naturais e criam neles raízes. Trabalham, casam e criam seus filhos neste lugar, o que leva o município a se desenvolver em todos os aspectos, já que “a infraestrutura e as instituições sociais se coligam dentro de um

sistema de relações sociais” (CARLOS, 2007, p.23); relações essas fundamentais para fomentar a ampliação e desenvolvimento de um território.

No município de Catolé do Rocha, o Centro de Ensino Fundamental Luzia Maia, a maior escola municipal da cidade, que atende um total de 1623 alunos, matriculados nos três turnos, se destaca como um espaço de formação importante na região.

A referida escola, em destaque abaixo, oferece vagas da Educação Infantil ao 9º ano e EJA.

Figura 1- Centro de Ensino Fundamental Luzia Maia



Fonte: Secretaria de Infraestrutura de Catolé do Rocha (2020).

Na referida escola, palco das ações desenvolvidas e analisadas no âmbito do papel do ensino de geografia para a compreensão do lugar e para o desenvolvimento regional no semiárido, é evidente que o ensino da geografia aplicada e voltada para o entendimento do território e do lugar, loco dos educandos tem papel primordial para que o semiárido seja visto como local de permanência e de oportunidades, e apenas não de saída e de repulsão.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Perspectivas e práticas construídas através do ensino de Geografia no Centro de Ensino Fundamental Luzia Maia

A ciência geográfica pautada para o entendimento das relações que se estabelecem dentro de um território-lugar; sejam as subjetivas ou as objetivas, leva os educandos a observar/ perceber seu habitat com outros olhos, porque:

[...] a aprendizagem da Geografia favorece o reconhecimento da diversidade étnico-racial e das diferenças dos grupos sociais, com base em princípios éticos (respeito à diversidade e combate ao preconceito e à violência de qualquer natureza). Ela também estimula a capacidade de empregar o raciocínio geográfico para pensar e resolver problemas gerados na vida cotidiana. (BRASIL, 2019, p. 13).

Saber resolver conflitos, entender a si próprio e aos outros são aspectos relevantes para que os educandos a aprendizagem seja prazerosa para os mesmos. Conhecer meu lugar, saber como ele era, entender e aceitar as muitas nuances deste semiárido são aspectos que tornam a geografia concreta para os alunos e não mera “matéria decorativa” como ela foi vista durante muitos anos, haja vista que:

Neste sentido, é relevante, ainda que não suficiente, para os professores de Geografia enfrentar o desafio de se considerar, entre outras, a “cultura geográfica” dos alunos. Na prática cotidiana, os alunos constroem conhecimentos geográficos. É preciso considerar esses conhecimentos e a experiência cotidiana dos alunos, suas representações, para serem confrontados, discutidos e ampliados com o saber geográfico mais sistematizado (que é a cultura escolar) (CAVALCANTI, 2005, p. 68).

Sob este prisma partimos sempre do conhecimento deles ou trazemos para a sala de aula aspectos pertinente para o entendimento da geografia e de como ela subjaz na resolução dos conflitos, nos fatores morfológicos, no clima, na vegetação, na modificação da paisagem e do espaço geográfico e no entendimento das práticas que levaram esse lugar a se desenvolver.

Nesta vertente, o conhecimento geográfico construído no Centro de Ensino Fundamental Luzia Maia se destaca ao se pautar em aulas instigantes e concretas, pois a partir delas os alunos passam a correlacionar o saber geográfico com o seu cotidiano inferindo a partir daí conceitos mais globais no entendimento das teias de

relações que se formam em âmbito local e mundial, sempre conectadas com a mesma ciência.

O mundo moderno exige esse entendimento, já que vivemos em um mundo globalizado onde a grande rede forma o emaranhado onde os sujeitos devem estar aptos a lidar com as variantes, entendê-las e aplicá-las dentro do seu próprio território.

Por isso são tão importantes estudos como a Invenção do Nordeste que leva a população a questionar a veracidade de um semiárido sem potencialidades.

Partindo dessa premissa de reinventar a região, busca-se atualmente desenvolver o semiárido através de uma política hídrica mais eficiente, armazenando de maneira correta a água e investindo na ampliação da agricultura familiar. Para além das políticas hídricas é possível pensar em desenvolvimento relacionado ao desenvolvimento dos atores sociais.

O espaço apropriado pelas relações de poder também é *lócus* de vivências cotidianas em que se estabelecem identidades socioculturais, as quais são percebidas no contexto espacial do lugar. O lugar é o recorte espacial que tem significado pra os sujeitos, pois nele são construídas as relações de pertencimento construídas mediante o movimento da sociedade no espaço.

Desse modo quando o homem começar a dominar a produção de seus alimentos, tendo como exemplo a produção agrícola familiar, a economia solidária, emancipando políticas endógenas de desenvolvimento sustentável, estará acontecendo a verdadeira revolução necessária para fortificar as bases do desenvolvimento do semiárido.

Diante dos fatores elencados para o desenvolvimento desse semiárido como política hídrica e de segurança alimentar, percebe-se que a interiorização dos processos educacionais figura como a base da referida revolução, já que as pesquisas ocorrem e a partir delas as mudanças estruturais se fundamentam.

O semiárido deve ser visualizado em toda a extensão do seu potencial de desenvolvimento. Sob este prisma têm papel relevante as pesquisas realizadas por centros acadêmicos que investigam e trazem a tona discussões concernentes a este território, elencando ações de melhorias para que se possa mensurar um semiárido nordestino sob novos enfoques cujos atores transformam paulatinamente este território.

4.2 Um novo olhar para o semiárido

As políticas públicas e sociais são contundentes quando discutem a região Nordeste e as peculiaridades dos seus aspectos físicos, históricos e sociais.

Vista sempre sob a ótica do atraso, o entendimento da Região e mais especificamente deste semiárido requer a percepção das “hierarquias de questões mais importantes a serem esclarecidas” (SOUZA, 2017, p.17) e que comungam com o estudo das transversalidades regionais.

Crescer no sertão é saber desde cedo que os fenômenos climáticos são causadores de problemas, como a seca. Aliado a isso, a pobreza e o estigma parecem enraizados, pelos mitos criados e recontados abundantemente devem ser postos pelos professores de geografia, de modo que se possa quebrar o mito do atraso que permeia o semiárido nordestino.

Sob este prisma vale ressaltar que:

O geógrafo necessita lembrar que, além de profissional, ele é também cidadão e que o exercício da profissão não implica a renúncia à cidadania. Se como profissional lhe cabe, como qualquer outro profissional, analisar, investigar, descrever e apresentar sugestões ou tomar decisão, como cidadão ele tem a obrigação de lembrar dos seus deveres éticos e de procurar fazer ou apontar medidas que necessitam ser tomadas para que se faça justiça. A obrigação da cidadania implica um comprometimento com a verdade, com a justiça e com o bem comum (ANDRADE, 1997, p. 40).

Neste semiárido de riquezas naturais pouco valorizadas onde as ações de governança não priorizavam a resolução dos problemas, a cidadania deve ser ressaltada constantemente. O relevante é que esse sertão estigmatizado, desvalorizado, pobre e atrasado, paulatinamente ganha novos olhares e ações que comungam com o desenvolvimento do território, na busca de uma convivência saudável com as intempéries.

Acerca do exposto Cavalcanti (2003, p. 46) informa que

A perspectiva de convivência não significa passividade, mas, pelo contrário, requer uma maneira diferente de estruturar o conhecimento sobre o semiárido [...] isso impõe a necessidade de se trabalhar com a dimensão de participação, percebendo os espaços legais existentes, mas, acima de tudo, associando essa discussão com a da organização e cidadania.

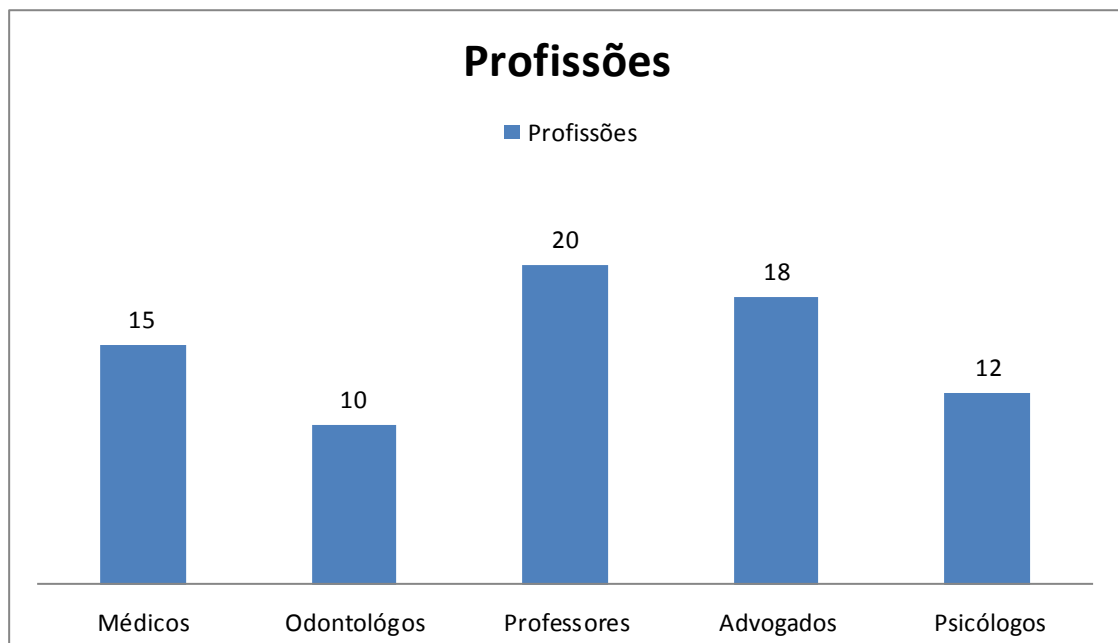
A convivência com o semiárido acontece em obras de desenvolvimento, com políticas públicas voltadas para este território e as ações dos filhos deste lugar que com orgulho fincam suas raízes nesse rincão, semeando esperança para as futuras gerações que já vivenciam tempos favoráveis de mudanças.

4.3 a volta dos que foram: as migrações de retorno para Catolé do Rocha-PB

Vários fatores contribuem para a ocorrência das migrações de retorno para este território; desenvolvimento econômico, estabelecimento próximo aos parentes e mesmo o aumento populacional e industrial (MATOS, 2013), fatores presentes nas respostas dadas ao questionário para o levantamento das questões inerentes a esta pesquisa.

As pessoas entrevistadas têm entre 30 e 70 anos e atuam em diferentes áreas na microrregião de Catolé do Rocha, conforme pode ser observado no gráfico abaixo:

Gráfico 1- Profissões dos entrevistados



Fonte: pesquisa de campo (2020).

Quando questionados em qual rede terminaram o Ensino Médio, 90% respondeu que foi na rede particular e, apenas 10% na Rede Pública Estadual. Os

dados demonstram que a ida para outros domicílios perpassam pela situação socioeconômica, haja vista que se manter longe de casa requer meios de subsistência.

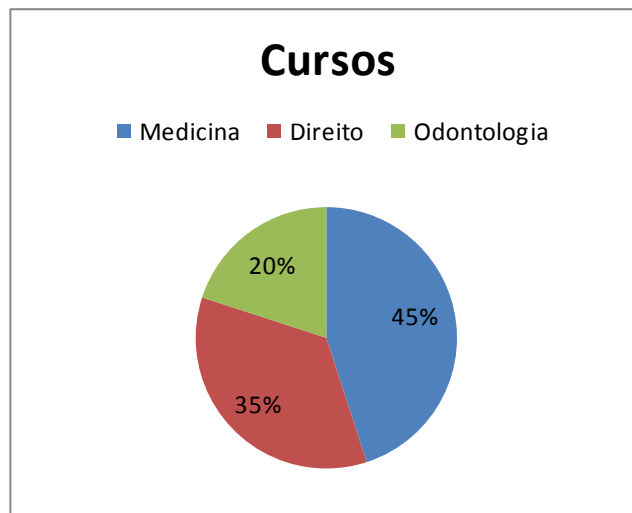
O curso de Pedagogia é um dos que existem nos campus próximos a Catolé do Rocha, como na Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN) para o qual há a migração pendular.

Outra pergunta envolveu o lugar onde eles cursaram a Universidade e os cursos escolhidos. As respostas variaram entre, Patu, João Pessoa, Campina Grande, Patos, e, até mesmo Recife.

A ida para outros centros ocorre porque os cursos escolhidos não estão na grade curricular nos campus próximo a esta região.

Os cursos mais procurados em outros lugares pelos habitantes desta microrregião podem ser visualizados no gráfico abaixo:

Gráfico 2- cursos de formação dos entrevistados



FONTE: Pesquisa de campo

Apesar de cursar a faculdade em outras regiões a migração de retorno é uma realidade porque a identificação com o lugar ao qual pertencemos é muito forte, e, além disso, pelas respostas dadas figuram entre os motivos do retorno a família, a chance de emprego e os laços afetivos.

O retorno destes profissionais faz com que o desenvolvimento urbano seja uma realidade nas cidades deste semiárido, a exemplo de Catolé do Rocha-PB.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O semiárido no contexto histórico e geográfico foi constituído como uma sub-região seca, pobre e atrasada, onde as secas históricas levaram a criação de programas emergenciais, que levou Luiz Gonzaga a compor uma das muitas canções sobre o nordeste que diz “Seu doutô os nordestino têm muita gratidão pelo auxílio dos sulista nessa seca do sertão [...] mas doutô, uma esmola a um homem que é são ou lhe mata de vergonha ou vicia o cidadão”, deixando um claro protesto de que o que os nordestinos precisam de emprego.

O conhecimento aplicado dentro da região e voltado para as potencialidades deste lugar estão desmistificando as concepções paradigmáticas de que aqui tudo é seca, pobreza e fome, para um lugar de economia dinâmica, ou ainda de “meio ambiente e desenvolvimento, onde o próprio mercado é utilizado para induzir um manejo ótimo e sustentável dos recursos naturais e de aspectos sociais relacionados com a sua exploração”. (FRANÇA, 2000, p. 112)

O vislumbre do Nordeste paulatinamente está sendo redesenhado através das ações de profissionais que conhecem e investem neste território entendendo as potencialidades de um território rico, apesar da fragilidade do seu bioma e pleno de possibilidades de desenvolvimento.

O semiárido não assusta os novos habitantes que fazem dele seu habitat, com/vivendo de forma saudável com as intempéries e incutindo nos descendentes o orgulho de ser e fazer parte deste território, evidente nas migrações de retorno recorrentes na região de Catolé do Rocha-PB.

A Educação é tão importante que deveria ser o primeiro objetivo dos órgãos que regulam a Educação no país, através da elaboração de currículos pensados dentro da realidade das macro e microrregiões do Brasil, como estão tentando agora com a construção da BNCC.

Durante séculos tivemos no Brasil uma educação pautada na vontade da elite que sempre transitou e determinou livremente os cursos educacionais que o país deveria oferecer para a sociedade. Da chegada dos jesuítas no século XV ao século XIX as mudanças ocorreram lentamente. Apenas no final do século XX é que se perceberam alguns avanços no tocante ao ensino, com a reformulação da LDB.

Percebe-se que a ciência geográfica é essencial para a desmitificação dos mitos referentes ao semiárido nordestino como um território de atraso e

subdesenvolvimento. É o nascer do sentimento de pertencimento, passado de pais para filho que faz valorar o semiárido nordestino desfazendo a imagética de um local árido de pessoas sem cultura, de cabeça redonda e solo ressequido.

Por ser a educação o canal de desenvolvimento de um território, verificou-se que o semiárido nordestino, e em especial Catolé do Rocha-PB, é um município referência em educação e bem estar social, o que faz com os filhos da terra retornem após concluírem fora os estudos, ampliando ainda mais a malha urbana do município.

Nesse íterim fica evidente que a convivência com o semiárido é possível em ações voltadas para a cidadania e senso de pertencimento. Desse modo a ciência geográfica trabalhada sob esse viés traz para os educandos o orgulho de ser nordestino.

A presente pesquisa não pretendeu resolver problemas históricos, apenas elencar novas possibilidades para a realidade de quem com/vive dentro deste ser/tão maravilhoso e pleno, de nuances que apenas os nativos desta terra conseguem mensurar.

REFERÊNCIAS

- ADORNO; W.T. HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**. ZAHAR. 1947.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Cortez, São Paulo. 2007.
- ALMEIDA, R. D. de. **Ensinar Geografia para quem vive num outro mundo**. In: Anais do V Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia. Belo Horizonte: PUC/MG, 1999.
- ANDRADE, M. C. de: **A geografia e a questão social**, EDUFPE, Recife, 1997.
- ASA (Articulação do Semi-Árido Brasileiro). **Programa de Formação e Mobilização Social Para a Convivência com o Semi-Árido**. Recife: ASA, 2001.
- BACELAR, T. **As políticas públicas no Brasil, tendências e desafios**. In: SANTOS JR et al.(orgs). **Políticas Públicas e gestão local**: programa interdisciplinar de capacitação de conselheiros municipais. Rio de Janeiro: FASE, 2003
- BOGDAN, R.C; BIKLEN, S.K. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal,1986.

- Braga, O. R. **Autobiografização e formação de juventudes** : uma reflexão sobre a produção da vida na periferia / Osmar Rufino Braga. – 2013.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental: Caracterização da Área de Geografia. Brasília: MEC/SEF, 2000.
- CALLAI, H. C.. **A geografia e a escola**: muda a geografia Muda o ensino? Terra Livre, São Paulo, n.16, 1º semestre/2001.
- CALLAI, H. C.; CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.). **Estudar o lugar para compreender o mundo**. In: Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano. Porto Alegre: Mediação, 2000
- CARLOS, A. F. A.. **O lugar no/do mundo**. Labor Edições, São Paulo: 2007.
- CAVALCANTI, E. **Para compreender a desertificação**- uma abordagem didática e integrada. FUNDAJ, Recife, 2003.
- CAVALCANTI, L. de S. **Geografia e práticas de ensino.**: Alternativa, Goiânia, 2002.
- CAVALCANTI. **Geografia, Escola e construção de conhecimento**. São Paulo: Papirus, 2001.
- DEE. **Diário econômico do Nordeste** Ano III - Nº 76 - 22.06.2020
- FERNANDES, B. M. **Sobre a tipologia de territórios**. In: SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, E. S. (Orgs.). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão popular, 2009.
- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**, Loyola, São Paulo, 2002.
- Gil, A. C.. **Como elaborar projetos de pesquisa**, 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multi-territorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2004.
- LIBÂNEO.J.C. Pedagogia e pedagogos, para quê?**, Cortez, São Paulo. 2004.
- LIMA, E. de S.. **A formação continuada de professores no semi-árido**: valorizando experiências, reconstruindo valores e tecendo sonhos. 2008. 240f. Dissertação (Mestrado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2008.
- LINS, C. J. C. Nova delimitação da região semiárida do Brasil. Brasília: Ministério da Integração Nacional, 2008. 40 slides
- Lüdke, M. L975. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. - São Paulo: EPU, 1986.
- MALVEZZI, R. **Semi-árido: uma visão holística**. Brasília: Confea, 2007.

- MARANDOLA J., E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (Orgs). **Qual o espaço do lugar**. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M.. **Metodologia científica: ciência e conhecimento científico, métodos científicos, teoria, hipóteses e variáveis**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- MENEZES, A.C.; ARAÚJO, L. **Currículo, contextualização e complexidade: espaço de interlocução de diferentes saberes**. In: RESAB. Currículo, Contextualização e complexidade : elementos para se pensar a escola no semi-árido. Juzeiro: Selo Editorial RESAB, 2007.
- MORAN, J. **Ensino e aprendizagem inovadora com tecnologias audiovisuais e telemáticas** In: MORAN, J. M.; MASSETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas-SP: Papyrus, 2011.
- NETO. J.C.de. **Educação pela Pedra**.Obra completa: volume único. Org. Marly de Oliveira. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- OLIVEIRA, A. U. de. (Org.). **Para onde vai o ensino de geografia?** 6ª Ed. – São Paulo: Contexto, 2003.
- OLLIVIER. M. B. F. **La concepción de la enseñanza según los estudiantes del último año de la licenciatura en Educación Primaria en México**. Perfiles educativos vol.30 no.119 Ciudad de México ene. 2008.
- RAMOS. G. **Vidas Secas**. Grupo Editorial Record. São Paulo. 1938.
- RELPH, Z. C. **As bases fenomenológicas da geografia**. Geografia, n. 4, v. 7, 1979.
- ROCHA, et al, 2011. **Geografia do Nordeste**. 2ªed. EDURFRN. Natal-RN. 2010;
- SANTOS.M. **O Dinheiro e o Território**. Universidade de São Paulo- USP. GEOgraphia, ano. 1, n. 1 1999, São Paulo.
- SAVIANI, D. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. 10 ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1991.
- SAVIANI, D.. **Escola e democracia**. 17ª ed., Cortez. Sã Paulo.1994.
- SOKOLOWSKI, R.. **Introdução à fenomenologia**. Tradução de: Alfredo de O. Moraes. São Paulo: Loyola, 2004.
- Souza, J. **A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato** / Jessé Souza. - Rio de Janeiro: Leya, 2017.

SUPLICY, M.. et al. **Guia Nacional de Orientação Sexual: Diretrizes e Metodologia da Pré-Escola ao 2º Grau.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

TEIXEIRA, A.. **A educação que nos convém.** Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Rio de Janeiro, 2010

AGRADECIMENTOS

Agradecer é uma maneira de informar a relevância de todos aqueles que de maneira direta ou indireta tornaram possível a realização do curso e a escrita desta pesquisa, haja vista que ela demandou tempo e longas horas de trabalho e estudo.

De modo que quero, em primeiro momento, agradecer a Deus, que me proporcionou saúde e coragem para seguir adiante quando estava cansada demais para pensar e continuar.

Outro agradecimento especial vai para minha filha, Glaubênia Jade Freire Dantas, que entendeu as longas horas em que estive ausente em meu mundo particular de leitura e escrita.

Quero também e principalmente agradecer a minha tia-mãe Noêmia pelo estímulo, confiança e disponibilidade dedicados em todos os momentos em que precisei ofereceu-me suporte emocional nas ocasiões em que eu pensava em desistir por, nos períodos de fraqueza, achar-me incapaz de concluir este trabalho.

Igualmente preciso agradecer aos meus amigos representados por Erivaldo, Girlânia e Cosmo que desde o momento em que souberam do meu projeto, deram-me o apoio necessário para tornar possível a realização de um sonho; pois entendem que os sonhos são necessários para nos humanizar e nos capacitam para atingir nossos objetivos.

A minha orientadora, Maria Marta dos Santos Buriti, uma dádiva na vida de todos aqueles que a tem como professora/orientadora e que não mediu esforços em sanar minhas dúvidas; meu muito obrigada.

A nossa tutora Ana Anaese que com sua calma e tranquilidade soube nos conduzir, tirando nossas dúvidas e oferecendo sempre palavras de estímulo. Obrigada querida! Você é muito importante para nós.

A todos que fazem a Universidade Estadual da Paraíba que entendendo a relevância do conhecimento e a necessidade daqueles que não podem deslocar-se para outros lugares, disponibilizou um curso nos dando sempre o suporte e o apoio para que aprendêssemos com qualidade, obrigada.